

O empirismo lógico e o pragmatismo: linguagem e experiência na compreensão do mundo

Logical empiricism and pragmatism: language and experience in understanding of the world

Elvis de Oliveira Mendes - Universidade Federal de Goiás (UFG)

<http://lattes.cnpq.br/0370724581551831>

elvis.oliver@live.com

Paloma de Souza Xavier - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

<http://lattes.cnpq.br/8121675999839528>

palomasouzaxavier@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo proporcionar uma reflexão acerca de, em que medida há de fato uma conexão entre o pragmatismo clássico e o empirismo lógico. Não obstante, as correntes citadas tenham surgido de certa maneira com objetivos distintos, em um determinado momento terminaram por se revelar tradições filosóficas convergentes. Sendo assim, este breve estudo visa a esclarecer e especificar mesmo que de forma expositiva e introdutória características que corroborem com essa afirmação, de que há de fato familiaridades comuns entre essas correntes, e deste modo estabelecer uma comunicação mútua entre as mesmas. Assim, analisar de que maneira essa relação é verdadeira e fecunda.

Palavras-chave

Pragmatismo, empirismo lógico, método analítico, filosofia da ciência.

Abstract

This article aims to provide a reflection about, if there is in fact a connection between the classical pragmatism and logical empiricism. Despite, these movements quoted have arisen in a certain way with distinct goals, at a certain moment they ended up proving to be convergent philosophical traditions. Thus, this short study aims to clarify and specify, even in an expositive and introductory way, characteristics that corroborate with this statement, that there are indeed common familiarities between them, and in this way to establish a mutual communication between them. Therefore, to analyze how this relationship is true and fruitful.

Keywords

Pragmatism, logical empiricism, analytical method, philosophy of science.

1. Introdução

A filosofia da ciência cultivada no mundo pós-guerra voltou-se principalmente em direção às reflexões e problemas autossuficientes, sobre a ciência como tal, e assim se distanciou

paulatinamente para longe de problemas relacionados à vida comum, parece ter aberto mão de seu lugar em nossas vidas assim como em nossas experiências ordinárias. Contudo, no atual momento, constata-se um retorno a essas preocupações, sobretudo no que tange às novas questões sobre o uso da ciência que veio a abrir um novo leque de possibilidades. Dito isto, não se pode perder de vista a relação da ciência com a política e a ação, seus dilemas éticos, seu papel na compreensão da cognição humana e seus propósitos dentro da própria ciência, até mesmo para o ensino das ciências no complexo cenário da educação secundária.

Mas o cerne dessas ideias e desse diálogo não é totalmente compreensível nem defensável sem uma compreensão e uma abordagem sistemática da relação entre a filosofia da ciência e as outras áreas da filosofia, como a ética, a política e a estética. Não é à toa a crítica decisiva de Thomas Kuhn que se mostrou contrária a esse isolamento da ciência e sua suposta autossuficiência, já que essa autonomia só é possível em tempos de grande estabilidade e harmonia, pois quando conceitos tradicionais e teorias consolidadas ou os paradigmas são abalados por novas teorias, e as antigas são colocadas em xeque, nesse momento o cientista se abre a buscar ajuda conceitual em outros campos (Cf. KUHN, 1962, p. 1). Infelizmente essa fecunda e possível parte do trabalho filosófico, a saber; um diálogo entre diferentes abordagens é tão central o quanto é negligenciada. Assim, de forma paradoxal, esse suposto diálogo nunca recebe um tratamento independente, ao invés disso, vê-se refratado e evitado em quase todas as áreas da filosofia com algumas exceções.

Com efeito, o objetivo precípua dessa abordagem é de por meio de uma análise das principais características conceituais de duas das mais importantes e famigeradas correntes intelectuais da contemporaneidade, quais sejam; o empirismo lógico e o pragmatismo americano, compreender de que maneira essas correntes de pensamento em algum momento e por motivos aparentemente contingentes se cruzaram. Não apenas isso, mas analisar como vieram a se tornar em considerável sentido, convergentes.

Evidentemente, não faremos aqui um estudo profundo dessas duas correntes de pensamento e de seus respectivos conceitos e abordagens metodológicas, diante da complexidade e magnitude conceitual e histórica das mesmas, um esforço dessa proporção extrapolaria os limites de um artigo. Dessa forma, o presente estudo se trata de uma exposição histórica de algumas de suas principais ideias e conceitos, assim como a relevância de cada uma no seio da tradição do pensamento filosófico científico contemporâneo, a fim de proporcionar uma breve apresentação de caráter introdutório que nos guie à uma reflexão acerca do encontro e possível influência mútua das correntes em questão.

Será explorado aqui, mesmo que de forma breve e introdutória a complexidade de duas tradições filosóficas, com a meta de apresentar as características de suas origens, já que intelectuais de ambas direcionaram seus esforços para pensar a relação entre teoria e mundo. O que veio a gerar certo consenso de que o pragmatismo norte-americano e o Empirismo lógico europeu convergiram em tradições filosóficas, especialmente depois da migração forçada dos filósofos europeus devido à nefasta experiência do nacional socialismo na Europa. Portanto, este trabalho busca dentro de seus limites, esclarecer e especificar as características e diferenças comuns dessas correntes desde o início de sua comunicação científica mútua com base na colaboração de autores e estudiosos da história da filosofia, filósofos da ciência e pragmatistas¹.

2. O Pragmatismo clássico

Entre os filósofos contemporâneos, o pragmatismo é normalmente considerado como um movimento filosófico desatualizado que floresceu no início do século XX numa atmosfera mais provinciana e que agora vem sendo refutado (RORTY, 1982, p. 5). John Dewey (1859 – 1952) é indubitavelmente uma das figuras mais proeminentes do Pragmatismo americano², o filósofo afirma que; a origem dessa corrente é fruto da mente de Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), matemático e um dos fundadores da lógica simbólica das relações. Dewey explica que devido ao fato de Peirce não ter escrito seu método de forma sistemática em um tratado, suas ideias ficaram restritas e com alcance bastante limitado. Sendo assim, deve-se a Willian James (1842 - 1910) a extensão e propagação de seu pensamento (Cf. DEWEY, 2008, p. 119).

O termo “pragma” do grego, comumente traduzido como “coisa”, “trabalho” ou “ação” já havia sido usado por vários autores muito antes dos pragmatistas. Embora não haja uma definição precisa para pragmatismo (Cf. TUDELA, 1988, p. 10), é comum que o surgimento dessa corrente seja sempre ligado a uma origem exclusivamente norte-americana, porém Dewey assinala que suas bases modernas são oriundas do pensamento de Kant e sua distinção entre “pragmático” e “prático” na *Metafísica dos Costumes*. Kant considera o conhecimento prático como o que se conhece a priori enquanto que o conhecimento pragmático se aplica às artes e a técnica, portanto ao que exige experiência e aquilo que é aplicável à experiência, portanto a posteriori (MURPHY, 1990, p. 40). Na esteira de Dewey, sabe-se que Peirce era um empirista, o que o fazia ser um

¹ Ler sobre isso em: (CAVELL, SESONSKE, 1951), (NEKRASAS, 2001), (INGRAN, 2010), (KINOUCI, 2007).

² Peirce, James e Dewey fazem parte da primeira etapa do Pragmatismo americano, também chamada de “era clássica” ou “era dourada” (Ver sobre isso em: TUDELA, 1988, p. 11).

homem muito ligado aos métodos laboratoriais, o que o levou a recusar a chamar seu método de “Practicalismo”, como alguns pares e colegas sugeriram. Peirce era um lógico e por isso o objetivo de seu pragmatismo era o de tornar os conceitos claros e construir definições efetivas orientadas exclusivamente por métodos científicos (DEWEY, 2008, p. 119). Nesse sentido, para Peirce:

A filosofia devia imitar as ciências em seus métodos trabalhando com premissas que podem ser submetidas a exame cuidadoso e acreditar antes na variedade de argumentos que apresentam que deter-se na conclusividade de um argumento isolado (PEIRCE, 1989, p. 40).

Com efeito, Dewey destaca que a grande sacada da nova teoria trazida por Peirce era “o reconhecimento de uma inseparável relação entre a cognição racional e o propósito racional”. Ainda nesse mesmo sentido, isso nos mostra o significado preciso dado por Peirce à palavra “pragmático”, seu sentido está presente no teor essencialmente experimentalista de seu método. Para Peirce se se diz algo, e isso passa pelo crivo da experiência e não nos traz resultado algum, não haverá sentido nenhum no que foi dito³. Peirce aplica essa análise racional das palavras diretamente na conduta da vida de modo a concluir que; o que não fosse passivo de ser experimentado não seria considerado relevante a ser dito (DEWEY, 2008, p. 120). Assim, explica Dewey que se Kant estabeleceu a lei da razão prática no domínio do a priori⁴, Peirce estabelece a universalidade dos conceitos no domínio da experiência. Como podemos perceber a seguir na analogia de Peirce:

Os elementos de todo conceito entram no pensamento lógico pelo portão da percepção e saem pelo portão da ação proposital, e tudo aquilo que não mostrar seu passaporte em ambos os portões deve ser preso como não autorizado pela razão (PEIRCE, 1992/98, p. 241).

Deste modo, na raiz do pragmatismo está um caráter estritamente experimental, pois para se atribuir significados aos conceitos, é necessário que seja possível de aplica-los à existência, isto é, os conceitos precisam ser aplicáveis ao mundo, do contrário, não há motivos para eles existirem. Assim, certa crítica corrente, a saber; de que o pragmatismo tem em sua base uma supervalorização da práxis em detrimento da teoria, que endossa uma visão reducionista de que o pragmatismo seria uma corrente filosófica baseada unicamente na ação a fim de legitimar o “american way of life” não se sustenta. Na verdade o que ocorre é o contrário, o pragmatismo tenta mostrar que a teoria deve ser experimentada e seu resultado deve ter significado na prática, é a tentativa de união

³ De fato, na visão de Peirce, a filosofia contemporânea teria se tornado infantil “devido ao fato de que durante este século XIX ela foi principalmente alvo da dedicação de homens que não se educaram em laboratórios e salas de dissecação e, conseqüentemente, não foram estimulados pelo verdadeiro Eros científico” (Cf. PEIRCE, 1992/98, p. 29).

⁴ Ver de que maneira Kant estabelece sua teoria para o conhecimento das coisas em sua Crítica da Razão Pura (Cf. KANT, 2015, §22 - §27 – b 147- b 166).

perfeita entre teoria e prática e não o abandono de uma em prol de outra, mas sim a demonstração de que nossas condutas morais de vida foram teorias experimentadas e seus bons resultados e benefícios possibilitaram sua aplicabilidade⁵.

Posto isso, como foi apresentado no início dessa abordagem, se deve a Peirce o surgimento do método pragmático, mas é Willian James que dá continuidade e extensão a essa corrente. De fato, como explica Dewey, Peirce não alcançou atenção nenhuma dos círculos intelectuais de sua época, que eram fortemente influenciados pelo idealismo neo-kantiano (DEWEY, 2008, p. 121). James então por sua vez, inaugurou um novo movimento pragmático⁶ que buscou fazer restrições ao primeiro pragmatismo, mas, ao mesmo tempo foi responsável por sua extensão. Deste modo, deu ênfase à consideração de Peirce de que; crenças são regras para a ação, e toda função do pensar é somente um passo na produção de hábitos de ação, e assim chegara a concluir que todas as ideias possuem efeito no mundo através de nossos atos.

Ora, embora Willian James tenha se tornado uma espécie de porta-voz de muitas das teorias de Peirce e tenha retomado alguns dos princípios elaborados em seu início, James substituiu o método fundamental da teoria de Peirce, que mais uma vez por sua influência kantiana buscava tornar a regra geral e a aplicabilidade de suas experiências de hábitos e condutas algo universal. Nesse sentido, James não concordava com o aspecto universalista da teoria de Peirce, o que faz de James um nominalista⁷. Porém, essa postura de James ao invés de romper completamente com o pragmatismo de Peirce na verdade o amplia, por se abrir para novas possibilidades e resultados, como observamos quando James afirma que:

Toda concepção científica é, antes de qualquer coisa, uma “variação espontânea” no cérebro de alguém. Para cada concepção que se prove útil e aplicável existem milhares de outras que parecem devido a sua falta de valor. Sua gênese é estritamente aparentada com aquelas inspirações poéticas, ou com as máximas de sabedoria, das quais as variações cerebrais também são a fonte. Mas enquanto a poesia e a sabedoria (como a ciência dos antigos) são sua própria razão de ser, e não vão muito além disso, as concepções científicas devem provar seu valor sendo verificáveis. Tal teste é a causa de sua preservação, não de sua produção (JAMES, 1983, p. 1232-3).

Nesse sentido, James explica que “toda função da filosofia deve ser a de achar que diferença definitiva fará para mim e para você, em instantes definidos de nossa vida, se esta formula do mundo ou aquela outra for verdadeira” (JAMES, 1979, p. 19). Deste modo, nota-se

⁵ Ver sobre isso em: (MURPHY, 1990, 18-19).

⁶ Em um discurso intitulado: Philosophical conceptions of practical results, In. Collected essays and reviews (1898).

⁷ O Nominalismo é uma doutrina da idade média que afirma que nada há de universal no mundo para além das denominações, porque as coisas nomeadas são todas individuais e singulares, deste modo, o nominalismo defende a ideia segundo a qual as coisas ou objetos particulares da experiência não têm realidade intrínseca ou em si, fora da linguagem que as descreve.

assim, uma aproximação maior com a vida prática, portanto uma aproximação direta com o nominalismo, postura que se afasta do pensamento de Peirce. Porém, a estratégia de James nessa mudança de direção estava a visar o acesso a problemas puramente filosóficos e também de cunho teológico e religioso, para tanto ele precisava alargar o método a fim de através da experiência, solucionar acerca de coisas que eram ditas ou feitas, discerni-las entre fundamentais ou triviais e assim alcançar o significado do que é verdadeiro de fato, ou o que poderia ser facilmente diluído pelo âmbito da linguagem. Sobre isso, Dewey é categórico quando afirma que:

Peirce era acima de tudo um lógico; enquanto James era um educador e um humanista e desejava forçar o público em geral a imaginar que certos problemas, certos debates filosóficos tem uma importância geral para humanidade, porque as crenças que trazem para o jogo levam a modos muito diferentes de conduta. Se essa distinção importante não é compreendida, é impossível entender a maioria das ambiguidades e erros que pertencem ao último período do movimento pragmático (DEWEY, 2008, p. 122-123).

Ainda nesse mesmo sentido, acerca do que foi dito, compreender a postura de Peirce como um lógico e a de James como um humanista é fundamental no que se refere à análise conceitual dessas duas formas primordiais de pragmatismo. Já que para Peirce o pragmatismo deveria ser uma máxima lógica em vez de um sublime princípio de filosofia especulativa⁸, isto é, o objeto precípua da filosofia seria dá um significado fixo ao universo por meio de formulas que correspondem a nossas atitudes, hábitos e costumes, onde é possível perceber um caráter generalista, que necessariamente teria de se sustentar numa significação fixa de conceitos como; matéria e Deus. Em outras palavras, Peirce está em considerável medida preso a um monismo⁹.

Por outro lado, James se afasta da abstração e da insuficiência, das soluções verbais, das más razões do a priori, dos princípios fixados, dos sistemas fechados e das pretensões ao absoluto e às origens (Cf. JAMES, 1955/1907, p. 45). Dessa forma, James dá ao pragmatismo uma atitude empírica radical, e assim, faz o método pragmático avançar a partir de uma perspectiva conceitualmente pluralista que ele mesmo veio a chamar de “direito de acreditar”. Com efeito, James levará em consideração o fato que lidamos com tipos variados de indivíduos e que esses por sua vez, possuem inclinações e apetites igualmente variados. Assim, se um indivíduo aprecia a

⁸ Conferir a primeira conferência; Pragmatismo: As Ciências Normativas (PEIRCE, 1980).

⁹ Teoria que afirma que a essência da realidade se baseia em um princípio único e original, desta forma, o ser que se apresenta apenas como multiplicidade aparente - procede de um único princípio, é reconduzido a uma única realidade: a matéria ou principalmente o espírito. Portanto, designa-se pela palavra monismo qualquer sistema filosófico que considera o conjunto das coisas ou a totalidade como substância, tanto do ponto de vista das leis (lógicas e físicas), pelas quais são regidas, quanto, finalmente, no ponto de vista moral.

novidade, o risco, a oportunidade e uma realidade estética nova, ele certamente rejeitará qualquer crença no monismo.

Entretanto, se ele prefere e é mais atraído pela harmonia estética de um estilo mais clássico, se tem um sabor pela fixidez, a segurança e a coerência lógica, esse de maneira indubitável preferirá o monismo (DEWEY, 2008, p. 124). O que está em jogo para James é o fato de que nós escolhemos coisas ou tomamos posições acerca de determinados assuntos, muito mais de acordo com a simpatia do que com base na razão como propõe os sistemas filosóficos. Deste modo, Dewey enfatiza que James reivindica o direito dos indivíduos de escolherem suas crenças independentemente de provas e grandes argumentos. Assim o indivíduo teria o direito a qualquer escolha e inclusive o de recusa. Porém, Dewey ressalta que:

A teoria da vontade de acreditar ocasiona mal-entendidos e até mesmo certo ridículo; e, portanto, é necessário entender claramente de que maneira James a usava. Estamos sempre obrigados a agir em qualquer caso; nossas ações e com elas suas consequências, mudam efetivamente de acordo com as crenças que escolhemos. Além do mais, pode ser que, para descobrir as provas que em última instância serão a justificação intelectual de certas crenças - a crença na liberdade, por exemplo, ou a crença em Deus - seja necessário começar a agir de acordo com essa crença (2008, p. 124).

Desta forma, o pragmatismo de James possui uma implicação metafísica (Ibidem, p. 126). A valorização das consequências nos leva a reavaliar o futuro, nos guia à concepção de que a totalidade não está acabada, está em plena construção, está sempre a tomar novas formas. Sendo assim, evidentemente a racionalidade possui uma função construtora, criativa e mentora de formas e contornos. Nesses termos, se desvela a responsabilidade moral de nossos hábitos e escolhas, compreende-se assim o pragmatismo de James como herdeiro do empirismo de David Hume, porém tendo substituído a experiência passada, pelo valor do futuro que é mera possibilidade. Em suma, para Dewey, o pragmatismo de James pode ser também chamado de instrumentalismo, já que para ele, concepções e teorias não passavam de instrumentos que poderiam ser usados a serviço da manutenção do futuro, e inclusive de seu melhoramento moral¹⁰.

Esses elementos serão fundamentais no contato direto entre o pragmatismo e a filosofia analítica, no que viemos a chamar de “virada pragmática”¹¹ da filosofia analítica, do qual uma de suas principais personagens é Ludwig Wittgenstein (1889 – 1951). De fato, o filósofo austríaco teria mudado o foco de seu pensamento, que até então, estava direcionado a buscar uma lógica

¹⁰ Há de fato em James um idealismo moral, podemos chamar de “meliorismo” onde se leva em consideração o valor sentimental e a relevância de vários sistemas filosóficos (Cf. DEWEY, 2008, p. 126-127).

¹¹ Sobre isso ver: (OLIVEIRA, 1996).

formal que tinha como meta a construção de uma sintaxe lógica, ideal e universal, livre dos equívocos e contingências da linguagem comum e teria assumido em um segundo momento, os esforços de compreender os aspectos pragmáticos da linguagem (SOMBRA, 2012, p. 43), isto é, compreender a linguagem seria compreender formas de vida (*Lebensform*)¹². Ora, quando em suas Investigações Wittgenstein afirma que; “não é a palavra que importa, mas a sua significação; e ao dizê-lo, pensa-se na significação como em uma coisa do mesmo gênero da palavra, ainda que diferente dela. Aqui a palavra; aqui a significação” (1996, § 120). Percebe-se uma mudança radical na postura do filósofo, o que seus intérpretes vieram a chamar de segundo Wittgenstein, onde se podem constatar aspectos estritamente pragmáticos.

De fato, quando Wittgenstein já em sua fase madura afirma que “a prática confere às palavras o seu sentido” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 125), ou quando ele nos leva em sua famosa analogia a comparar a função das palavras com “ferramentas dentro de uma caixa de ferramentas”, e até mesmo quando conclui que; “nossas palavras, usadas tal como o fazemos na ciência, são recipientes capazes somente de conter e transmitir significado e sentidos naturais” (Ver isso em: WITTGENSTEIN, 2005), o mesmo está sendo metodologicamente pragmático. No entanto, da mesma forma que Wittgenstein não queria ter seu nome filiado ao empirismo lógico, quanto ao pragmatismo não foi de outra maneira, mesmo porque, o filósofo não adere completamente à mentalidade pragmática.

Além disso, ao compararmos o Wittgenstein maduro com os três pilares do pragmatismo clássico, a saber; Peirce, James e Dewey, perceberemos que, embora possuam nuances e perspectivas bastante semelhantes, em especial, no que se refere a uma busca do sentido das palavras no mundo e nos atos humanos, Wittgenstein não partilha do otimismo dos pragmáticos, sobretudo, do humanismo de Dewey, o maior de seus representantes. Este último vê na ciência a possibilidade do progresso da humanidade e a melhoria das práticas morais humanas e no aperfeiçoamento da sociedade a partir das novidades filosófico científicas, o que dá à sua filosofia um caráter teleológico e idealista.

Por outro lado, de forma antagônica Wittgenstein enxerga no espectro empreendedor comum à modernidade algo de estranho e desagradável o que o conduz a acreditar que a ciência e a tecnologia levará a humanidade ao seu fim através da ilusão do progresso (Cf. WITTGENSTEIN, 1980, p. 86). Nesse sentido, Wittgenstein se opõe completamente aos pragmáticos, o que dá a sua

¹² Para Wittgenstein, o temo “formas de vida” estaria ligado ao fato de que; “o uso de um termo se sustenta sobre o de uma conduta comum da humanidade, numa base constituída por uma concordância em reações primitivas, o que equivale a dizer, em tipos de condutas pré-linguísticas”(Cf. VALLE, 2003, p. 67).

relação com essa corrente um caráter dúbio e ambivalente. Vale dizer, que a virada exercida por Wittgenstein influenciou o neopragmatismo de Richard Rorty, herdeiro do pragmatismo de seus antecessores e da filosofia analítica. Embora Rorty seja um crítico desta última¹³, coloca Wittgenstein entre os três mais importantes filósofos do século XX. Diante dessas confluências e divergências o pragmatismo (clássico e neo) parece ter percebido melhor as implicações ético-políticas de sua filosofia, enquanto Wittgenstein por sua vez, parece apresentar um aparato mais consistente para resolver os problemas que se propõe.

3. Desenvolvimento do empirismo lógico e da ciência em Viena da década de 1930

O empirismo lógico foi uma forma dinâmica de filosofia alicerçada em bases matemáticas e físicas, assim se tornou uma das principais referências na filosofia da ciência além de ser um grande projeto na filosofia analítica, a dominar assim, todo o mundo anglófono. Esse movimento floresceu entre as décadas de 20 e 30 na Europa e entre as décadas de 40 e 50 do século passado nos Estados Unidos. Vale ressaltar que o empirismo lógico é considerado um movimento e não uma doutrina filosófica pelo fato de que não há uma posição fundamental comum da qual todos os empiristas lógicos compartilhem. Contudo, há um ponto central compartilhado por todo o grupo, a saber; a metodologia científica e a convicção do importante papel que a ciência poderia desenvolver na reformulação da sociedade. A figura que aparece como líder desse modo de fazer ciência é Moritz Schlick, porém vários outros intelectuais e figuras importantes para a ciência da época se tornaram membros do movimento, quais sejam; Rudolf Carnap, Otto Neurath, Herbert Feigl, Friedrich Waismann, Edgar Zilsel e Victor Kraft, esses mais ligados aos aspectos filosóficos, por sua vez, Philipp Frank, Karl Menger, Kurt Gödel e Hans Hahn, estavam com seus olhares mais voltados para aspectos matemáticos e puramente científicos, mas a lista dos visitantes e simpatizantes do movimento era muito extensa (AYER, 1965, p. 9).

Nesse sentido, para caracterizar e tornar emblemático o ponto de vista central do grupo eles se denominaram, O Círculo de Viena (AYER, 1965, p. 12), homens dedicados às ciências “duras” (Hard Science) e, sobretudo, à matemática. Deste modo, com o passar do tempo a temática trabalhada pelo grupo foi se estendendo e englobou outras formas da filosofia analítica, assim, outros filósofos que pesquisavam análises linguísticas puderam compartilhar características com o movimento. Como foi o caso dos discípulos de Bertrand Russell; G.E. Moore e Ludwig

¹³ Para Rorty a filosofia analítica seria outra tentativa fracassada de encontrar uma fundação para o conhecimento humano. (Ver sobre isso em: SOMBRA, 2012, p. 55).

Wittgenstein em Cambridge e os membros do movimento contemporâneo de Oxford (AYER, 1965. p. 13). O movimento teve desenvolvimento a partir de várias referências, nas quais havia maior predominância dos métodos, quais sejam; ideias filosóficas e seus logicismos inspirados em Frege e Russel, como também as interpretações de Wittgenstein referentes àqueles dois filósofos. No grupo a maioria dos intelectuais eram matemáticos e cientistas, desta forma, o movimento foi bastante influenciado pelas pesquisas e inovações recentes da física, assim como das teorias de cânones como Galileu, Newton e Einstein.

Com efeito, vale dizer que o termo “empirismo lógico” não tem uma divisão precisa e ainda mais quando se tenta diferenciar do “positivismo lógico”, na maioria das vezes o “empirismo lógico” é usado de modo mais amplo, os membros raramente usavam esse termo para falar de si mesmo, os integrantes até preferiam evitar a denominação “positivismo lógico” para não haver ligação com feitos e partidos políticos da época¹⁴. Assim, o termo “positivismo lógico” era geralmente usado por oponentes de várias doutrinas, entretanto esse termo também foi usado por alguns empiristas lógicos vienenses acerca de si mesmos, mas geralmente com cautela e para enfatizar as diferenças entre seus próprios pontos de vista e os dos positivistas do Século XIX. Deste modo, o movimento ainda pode ser subdividido em três momentos, o primeiro: O Círculo de Viena, a considerar aqueles que estavam em torno de Moritz Schlick e também os membros da

¹⁴ George Reisch em seu livro *How the Cold War transformed philosophy of science: to the icy slopes of logic* (Como a Guerra Fria transformou a filosofia da ciência: para as encostas geladas da lógica) fala acerca das relações entre o empirismo lógico e os conflitos ideológicos comuns a seu tempo, sobretudo com sua chegada e exílio nos EUA em plena guerra fria, afirma que: aos olhos de alguns, o empirismo lógico e seu movimento *Unity of Science* parecia suspeito também. O empirismo lógico era originalmente um projeto que auto conscientemente buscou engajamento não só com a ciência, mas com desenvolvimentos sociais e culturais progressistas (tanto na Europa da Década de 1920 e na América do Norte dos anos 1930 e 40. No espaço de cerca de dez anos, no entanto, entre 1949 a 1959, tornou-se um projeto escrupulosamente apolítico exclusivamente dedicado à lógica aplicada e semântica que a maioria dos filósofos hoje associam ao nome “empirismo lógico” ou “positivismo lógico”. Como as carreiras de vários empiristas lógicos se cruzaram com a política anticomunista no campus, em grandes organizações filantrópicas, e no FBI de J. Edgar Hoover, há evidências de que o anticomunismo foi uma força por trás dessa transformação. Isso afetou o tipo e a variedade de problemas que os filósofos da ciência buscaram, os métodos e ferramentas empregadas e as relações entre filosofia da ciência e ciência em si (Cf. REISCH, 2005, p. xii). Dessa forma, alguns membros importantes como Otto Neurath, Philipp Frank e Charles Morris compartilhavam a crença de que o empirismo, ou filosofia da ciência de forma mais ampla, deveria abranger não apenas estudos formais e abstratos de teoria científica e linguagem científica, mas também tópicos sociais e politicamente relevantes (como o estudo de valores na ciência, na sociologia da ciência e na estrutura lógica e conteúdo probatório de ideologias e reivindicações ideológicas). Estes e outros tópicos, e a tarefa de popularizá-los dentro de outras disciplinas e o público em geral, pertencia ao movimento *Unity of Science* que eles promoveram a partir de meados da década de 1930. Enquanto quase todos os empiristas lógicos estavam felizes por estarem envolvidos de uma forma ou de outra nesse movimento, uma minoria (incluindo, de diferentes maneiras, Carnap, Reichenbach, Feigl e Richard Rudner) favoreceram uma disciplina mais restrita, limitada a tópicos como indução, explicação e semântica técnica, que eles consideraram inadequados, se não categoricamente inadequados, para tratar questões de ideologia e vida social. A transformação em questão em grande parte consiste em uma perda de influência e liderança do primeiro grupo e da ascensão e sucesso do último. Assim, esses líderes da profissão fizeram não, para usar a expressão popular, simplesmente “desmoronar” à pressão política e transformar suas crenças e pesquisas nesse sentido (Cf. REISCH, 2005, p. xix).

Ernst Mach Society (Verein Ernst Mach); o segundo: a Sociedade de Filosofia Empírica de Berlim; e o terceiro: aqueles influenciados por ou que interagiam com os membros dos dois grupos e compartilharam de simpatia intelectual com ambos.

Sendo assim, especificamente O Círculo de Viena tinha encontros regulares para discussões, esses encontros continuaram a ocorrer durante toda a existência do grupo, mas a complementar-se com outras atividades, que para alguns intelectuais, transformaram assim, o centro de reuniões mais parecido com um partido político¹⁵. Esse processo começou em 1929 com a publicação do manifesto intitulado “Wissenschaftliche Weltauffassung. Der wiener Kreis”¹⁶ (AYER 1965, P. 10), onde tal manifesto fazia uma explicação da real postura e interesse do grupo, esclarecia também quais os problemas seus componentes estavam dispostos a resolver, isto é, o manifesto situava o Círculo a partir deles próprios na história da filosofia.

Deste modo, a tarefa do trabalho filosófico consistia para os integrantes do grupo neste esclarecimento de problemas e enunciados, não em propor enunciados “filosóficos” próprios. (Cf. HAHN; NEURATH; CARNAP, 1986, p. 10). Quando se esclarecia um problema filosófico tradicional o movimento o denominava como um pseudoproblema e o transformavam assim em problemas empíricos que seriam julgados pelos ditames das ciências empíricas. O método usado nesse processo era o da análise lógica, a dar sentido aos enunciados das ciências empíricas. Segundo os empiristas lógicos, ao fazer uso do mesmo método percebem que os enunciados metafísicos se mostram vazios de significados e, portanto, nada tem a dizer, sendo assim, é apenas expressão de sentimentos.

Assim, na perspectiva desse modo de fazer ciência as proposições metafísicas só são adequadas à arte, de outra maneira abre-se a brecha necessária, e com isso o risco, de se identificar conteúdo teórico onde na verdade não há. Dessa maneira, na visão dos empiristas lógicos, os metafísicos costumam usar uma “roupagem linguística habitual” (Ibdem, p. 11) e assim não realizam descrições, teorias, comunicações de conhecimentos, mas sim, poesia, mito e expressão. O movimento se mostra como uma recusa à metafísica, e destacam assim, dois erros gravíssimos nas teorias metafísicas, como podemos perceber na longa passagem a seguir:

Um vínculo demasiadamente estreito com a forma das linguagens tradicionais e a ausência de clareza quanto à realização lógica do pensamento. A linguagem comum emprega, por exemplo, a mesma classe de palavras, o substantivo, tanto para coisas (“maçã”), como para propriedades

¹⁵ Analogia feita pelo filósofo A. J. Ayer na obra *El positivismo lógico*, o filósofo foi único que teria se descrito sem hesitação como (tendo sido) um positivista lógico.

¹⁶ Traduzido no Brasil como: *A concepção científica do mundo – o círculo de Viena*. (HAHN; NEURATH; CARNAP, 1986).

("dureza"), relações ("amizade") e processos ("sono"), induzindo assim a uma concepção objetual dos conceitos funcionais (hipostatização, substancialização). Podem-se mencionar numerosos exemplos semelhantes, onde a linguagem conduz a erros que foram igualmente fatídicos à filosofia. O segundo erro fundamental da metafísica consiste na concepção de que o pensamento possa conduzir a conhecimentos a partir de si, sem a utilização de qualquer material empírico, ou que possa, ao menos, a partir de estados-de-coisa dados alcançar conteúdos novos, mediante inferência. A investigação lógica leva, porém, ao resultado de que todo pensamento, toda inferência, não consiste senão na passagem de proposições a outras proposições que nada contêm que naquelas já não estivesse (transformação tautológica). Não é possível, portanto, desenvolver uma metafísica a partir do "pensamento puro" (Idem).

Dito isso, é perceptível que para o grupo, a partir da análise lógica não se supera apenas a metafísica clássica, mas também a metafísica escolástica, as do sentido do idealismo alemão e também a metafísica oculta do apriorismo kantiano e moderno. Essa nova forma de fazer ciência não aceitava também um conhecimento incondicionalmente válido a partir da razão pura, ou seja, dos juízos sintéticos a priori, como também não admitia toda a ontologia e metafísica pré e pós-kantiana. Os empíricos lógicos apenas aceitavam proposições empíricas sobre objetos de toda espécie e proposições analíticas da lógica e da matemática. Essas posições, principalmente a de recusa à metafísica, não era de uma parte do grupo, mas sim, de todos os membros.

Apresentado esses esclarecimentos, cabe destacar a figura de Wittgenstein, que apesar de não ser membro do grupo exerceu uma influência seminal no desenvolvimento da visão dos empiristas lógicos. De fato, os membros do Círculo de Viena conferiram ao *Tractatus* a honra de ser lido e discutido linha por linha (SCHWARTZ, 2017, p. 47). Não obstante, Wittgenstein nunca mencionou o empirismo no *Tractatus* e não parece realmente estar interessado nessa corrente, mesmo assim sua lógica sustentou epistemologicamente o movimento. Entretanto, no *Tractatus*, a insinuação ao misticismo foi vista por alguns, sobretudo, por Neurath, como perturbadora e intrigante. Porém, a concepção da obra se destacou como a exposição mais poderosa e estimulante, embora não seja realmente a mais lúcida, do ponto de vista dele (AYER 1965, p. 11).

Em 1929 o Círculo de Viena organizou seu primeiro congresso internacional em Praga, e na década de 30 a 40 ocorreram novos eventos, em Königsberg, Copenhague, novamente em Praga, Paris e em Cambridge. Esses encontros internacionais fizeram com que o Círculo fizesse contato direto com o positivismo lógico, e até mesmo a fazer aliança com a denominada Escola de Berlim, cujos seus nomes mais célebres eram; Hans Reichenbach, Richard Von Mises e Kurt Grelling. Mais tarde fizeram contato com filósofos escandinavos, nomes como os de Eino Kaila, Arne Naess, Ake Petäzll, Joergen Joergensen e também com a Escola de empiristas de Upsala. Houve também contato com os norte-americanos simpáticos ao movimento como Nagel, Morris e Quine,

assim como analistas britânicos de diferentes opiniões como Susan Stebbing, Gilbert Ryle, R.B. Braithwaite, Jhon Wisdom e Ayer. Por fim com importantes filósofos de Cambridge, como F.P. Ransey além de outros filósofos e lógicos brilhantes como Lukasiewicz, Lesniewskv, Chwistek, kotarbinski, Ajdukiewicz e Tarski¹⁷.

Devido aos acontecimentos caóticos da Europa entre os anos 1930 e 1940, o foco central do movimento passou da Europa Central para a América do Norte. Até o principal jornal do empirismo lógico, o *Erkenntnis*¹⁸, que havia sido editado por Reichenbach e Carnap, deixou de ser publicado na década de 40. Diante disso, os positivistas lógicos estavam a deixar a Áustria e a Alemanha por razões filosóficas, mas principalmente políticas. Uma vez que todos os membros do Círculo de Viena e do aliado Círculo de Berlim eram liberais e socialistas ou marxistas, o que os tornava personas non grata com a ascensão e propagação do nacional socialismo alemão e outros tipos de fascismos pela Europa. Evidentemente essa realidade deixou a todos numa situação bastante desconfortável e perigosa em plena terra natal (SCHWARTZ, 2017, p. 67). Um acontecimento que deixou o movimento abalado foi à morte de Schlick no ano de 1936, aos 54 anos de idade, assassinado a tiros quando entrava na Universidade¹⁹.

O único membro do movimento que era ativo politicamente era Neurath, e isso só após a primeira guerra, os demais não haviam participado ativamente da política, mas talvez o posicionamento crítico e científico dos empiristas lógicos incomodasse alguns movimentos políticos ou o próprio governo. Um exemplo disso é que o governo nazista foi fatal para a Escola de Berlim, esta que teve seu fim durante o mesmo governo. De qualquer forma, a maioria dos membros do empirismo lógico foram obrigados a se exilarem, Feigl, Gödel, mudaram-se para os EUA, Waismann e Popper foram para Universidades Inglesas. O Neurrath foi para a Holanda e Carnap se instalou a exemplo de outros, em Chicago em 1936, Hampel fez o mesmo e Menger foi para Notre Dame em 1937. Os anos seguintes testemunharam um êxodo maciço de intelectuais para a América. Em 1938 Reichenbach chegou aos EUA depois de cinco anos foi para Turquia, no mesmo ano Philipp Frank também emigrou, em 1939 chegou Edgar Zilsel. Os exilados foram acompanhados pelos norte americanos Ernest Nagel, W.V. Quine, Charles Morris, Elson Goodman. De fato, os empiristas gozavam de boa relação com os pragmáticos americanos, pois

¹⁷ Tarsk interagiu significativamente com os empiristas lógicos de Viena, suas obras foram de suma importância para o movimento especialmente para Carnap.

¹⁸ Nos anos seguintes apareceram outras monografias, uma delas denominada *Einheitswissenschaft* (ciência unificada).

¹⁹ Schlick foi assassinado por um ex-aluno e que no julgamento o aluno alegou que se sentiu ofendido com a atitude judaica arrogante de Schlick perante a religião e a moral, não obstante, cabe destacar que schlick não era judeu (ver sobre isso em: SCHWARTZ, 2017, p. 67).

além do fato de que os empiristas lógicos terem componentes pragmáticos em sua filosofia, o movimento e os pragmáticos ainda compartilhavam de uma preocupação comum, a saber; o método empírico.

Em suma, é impossível dizer em que momento o empirismo lógico deixou de ser coeso para se consolidar como um movimento contínuo. Não obstante, mais tarde os próprios empiristas lógicos desfrutaram do privilégio de serem seus próprios críticos, todos os membros em meados do ano 1930 defendiam mais os princípios centrais do Círculo de Viena, assim dedicaram-se a se afastar das antigas visões e posicionamentos teóricos. Apenas o filósofo A.J. Ayer continuou a defender o antigo movimento. Dessa forma, em 1970 o movimento estava claramente superado, no entanto, nos anos 80 houve uma retomada significativa do interesse histórico acerca do empirismo lógico, interesse esse que, em considerável medida, tem eliminado equívocos tanto filosóficos quanto históricos sobre o movimento. Em última análise, vale ressaltar que muitos dos argumentos posteriormente empregados pelos críticos do empirismo lógico foram desbravados pelos próprios empiristas lógicos.

Conclusão

De fato, é possível perceber que ambos os movimentos se apresentam como formas de empirismo, sendo assim, tanto para o pragmatismo como para o empirismo lógico, a consideração erudita em tal empirismo é uma concepção de significado empírico e de sentido. Deste modo, tanto um como o outro rechaçam a falta de tal significado ou até mesmo a falta dessa preocupação em outras correntes, portanto tanto para empiristas lógicos como para pragmatistas qualquer afirmação que não possa ser verificada, ou confirmada e compreendida por referência, é em larga medida, compreendida como meras especulações de eventos empíricos. Assim, afirmações que não possuem tal significado empírico não precisam ser sem sentido, no sentido comum: elas podem, por exemplo, ser enunciados analíticos lógicos ou puramente matemáticos. Mas uma afirmação sintética, afirma uma questão de fato objetiva ou um estado de coisas.

Assim como o empirismo lógico, o pragmatismo é um tipo de filosofia de orientação puramente científica. De fato, essas duas correntes possuem muitos aspectos em comum. Ambas se sustentam na convicção de que o desenvolvimento da ciência é um fator decisivo no progresso da humanidade. E assim compartilham da crença de que a fonte do conhecimento real é a experiência e tratam os empiristas britânicos como seus antecessores.

No tocante, tanto o pragmatismo quanto o empirismo/positivismo, em especial do século XX são anti-dogmáticos e afirmam que a filosofia é um método e não uma teoria meramente especulativa, de fato, suas teorias se assemelham em considerável medida. Especificamente, suas teorias sobre significado exibem enorme afinidade. Com efeito, o pragmatismo atribui grande importância à eficácia prática de nossos conceitos e teorias, enquanto o positivismo que está na base do empirismo lógico, também afirmou que a mente positiva está interessada apenas no que é útil e prático.

Em suma, o pragmatismo e o empirismo lógico tem um alto grau de similaridade. O que torna possível até confundi-los, e isso não ocorre por acaso que, William James, um dos fundadores do pragmatismo ainda em sua versão originária e científica, afirma em seu *The Meaning of Truth* o que muitos outros teóricos sustentam, a saber; de que “o pragmatismo é apenas uma reedição do positivismo” (James, 1909, p. 266). E se o empirismo lógico é uma atualização do positivismo, portanto seus herdeiros, quais sejam; o pragmatismo e empirismo lógico possuem um ancestral comum.

Referências

AYER, A. J. *El positivismo logico*. Compilación, Fondo de cultura económica. Mexico. 1965.

CAVELL, S. SESONSKE A. Logical Empiricism and Pragmatism in *Ethics, The Journal of Philosophy* Vol. 48, No. 1 (Jan. 4, 1951), pp. 5-17.

DEWEY, J. O desenvolvimento do Pragmatismo Americano, *Cognitio-Estudos, São Paulo*, V 5, n. 2, 2008, pp, 119-132.

_____. *Reconstrução em filosofia*. 2 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1959.

HAHN, H. NEURATH, O. CARNAP, R. A concepção científica do mundo – o círculo de Viena. *Cadernos de História da ciência*, n. 10 1986, pp. 5-20.

INGRAN, D. *Late Pragmatism, Logical Positivism, and Their Aftermath*, Loyola University Chicago, 2010, pp. 1-33.

JAMES, W. *O pragmatismo: um novo nome para algumas formas antigas de pensar*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.

_____. *Pragmatismo e outros textos*: São Paulo, Abril Cultural, 1979.

_____. *Pragmatism and Four Essays from The Meaning of Truth*. Cleveland, the World Publishing, 1955 (1907).

- _____. *The principles of psychology*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1983 (1890).
- _____. *The Meaning of Truth* / W. James, Pragmatism, and The Meaning of Truth. Cambridge, MA & London, UK: Harvard University Press, (1909) 1978.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Fernando Costa Mattos. 4ª Ed. – Petrópolis, RJ. Vozes, 2015.
- KINOUCI, R. R. Notas introdutórias ao pragmatismo clássico. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 5, n. 2, 2007, p. 215-26.
- KUHN, T. *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago: University of Chicago Press 1962.
- OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.
- MILLER, Alexander. *Filosofia da linguagem*, PAULUS, são Paulo. Brasil. 2010.
- MURPHY, Jhon P. *Pragmatism from Peirce to Davidson*. Boulder: Westview Press, 1990.
- NEKRASAS, E. *Pragmatism and Positivism*, PROBLEMOS. 2001, pp. 41-52.
- PASSMORE, J. “Logical Positivism”, *The Encyclopedia of Philosophy* (Volume 5), P. Edwards (ed.), New York: Macmillan, 1967, p. 52–57.
- PEIRCE, C. S. Escritos coligidos, In. *PEIRCE, C. S, FREGE, G. Peirce e Frege (Os pensadores)*. 4º ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- _____. *Essential Peirce*. Nathan Houser et al. (Eds.). 2 Vol. Bloomington, Indiana University Press, 1992-98.
- REISCH, G. A. *How the Cold War transformed philosophy of science: to the icy slopes of logic*. Cambridge University Press, Cambridge, 2005.
- RORTY, R. *Consequences of Pragmatism: Essays, 1972-1980*. University of Minnesota Press, 1982.
- SCHWARTZ, Stephen. *Uma breve história da filosofia analítica*, EDIÇÕES LOYOLA, são Paulo. Brasil. 2017.
- SOMBRA, L. L. *Nas fronteiras de Wittgenstein: diálogos com o pragmatismo e a hermenêutica filosófica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.
- STEGMULLER, Wolfgang. *A filosofia contemporânea: introdução crítica*, são Paulo. 1977.
- TUDELA, J. Perez. *El pragmatismo americano: acción racional y reconstrucción del sentido*. Madrid: Cincel, 1988.

UEBEL, T. “*Logical Positivism – Logical Empiricism: What’s in a Name?*”, *Perspectives of Science*, 21: 2013, pp. 58–99.

VALLE, Bortolo. *Wittgenstein: a forma do silêncio e a forma da palavra*. Curitiba: Champagnat, 2003.

WITTGENSTEIN, Ludwig, Conferência sobre Ética. In: DALL’AGNOL, Daniel. *Ética e Linguagem: uma introdução ao tractatus de Wittgenstein*. 3 ed. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

_____. *Cultura e Valor*. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. *Investigações Filosóficas*. Trad. de José Carlos Bruni. São Paula: Nova Cultura, 1996.

Recebido em 12/08/2018

Aprovado em 29/11/2018